

RESILIÊNCIA E RESISTÊNCIA: A LUTA DOS TRABALHADORES DOS CANAVIAIS DE TEODORO SAMPAIO¹

Antônio Balbino dos Santos Suêlo²

RESUMO

O projeto de pesquisa "Resiliência e Resistência: A Luta dos Trabalhadores dos Canaviais de Teodoro Sampaio" analisa o cenário histórico e social dos cortadores de cana-de-açúcar da região. Inicialmente, destaca-se a importância econômica da produção de cana-de-açúcar e como fatores como proximidade com Salvador e baixa oferta de trabalho levaram ao êxodo rural. O estudo busca explorar a composição demográfica dos trabalhadores, majoritariamente descendentes de africanos, e a continuidade das condições de exploração que remontam à escravidão. É evidenciado o trabalho árduo e as condições adversas enfrentadas pelos trabalhadores, como a insalubridade, baixo acesso à educação e limitações econômicas impostas por sistemas de crédito desfavoráveis. No entanto, o estudo também busca destacar as formas de resistência e luta dos trabalhadores, desde expressões culturais a associações sindicais que buscam melhorar suas condições. Apesar de avanços tecnológicos, o cultivo de cana ainda depende fortemente do trabalho manual e expõe os trabalhadores a condições difíceis, perpetuando um ciclo histórico de desigualdade. O projeto também menciona a expansão do papel das mulheres no trabalho e descreve como, através de resistência coletiva, foram conquistadas melhorias gradativas nas condições de trabalho ao longo do tempo.

Palavras-chave: resiliência (traço da personalidade); trabalhadores da agroindústria açucareira - Teodoro Sampaio (BA).

ABSTRACT

The research project "Resilience and Resistance: The Struggle of Sugarcane Workers in Teodoro Sampaio" analyzes the historical and social context of sugarcane cutters in the region. Initially, it highlights the economic importance of sugarcane production and how factors such as proximity to Salvador and low job availability led to rural exodus. The study explores the demographic composition of the workers, mostly descendants of Africans, and the continuity of exploitative conditions dating back to slavery. It highlights the arduous work and adverse conditions faced by the workers, such as unhealthy working conditions, low access to education, and economic limitations imposed by unfavorable credit systems. However, the study also seeks to highlight the forms of resistance and struggle of the workers, from cultural expressions to trade union associations that seek to improve their conditions. Despite technological advances, sugarcane cultivation still heavily relies on manual labor and exposes workers to difficult conditions, perpetuating a historical cycle of inequality. The project also mentions the expansion of women's role in the workplace and describes how, through collective resistance, gradual improvements in working conditions have been achieved over time.

Keywords: resilience (personality trait); workers in the sugar agro-industry - Teodoro Sampaio (BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Jucélia Bispo dos Santos.

² Graduando em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Teodoro Sampaio, município situado no Recôncavo da Bahia, carrega em seu nome a homenagem a um ilustre brasileiro: o engenheiro, geógrafo e intelectual Teodoro Sampaio. O município de Teodoro Sampaio possui uma rica história que remonta ao século XVII, quando os colonizadores portugueses começaram a ocupar a região. Marcaram presença ao estabelecerem engenhos de cana-de-açúcar, que deram início ao desenvolvimento econômico e social da área. Em 1718, a construção da capela de Nossa Senhora da Ajuda do Bom Jardim em uma fazenda chamada Catuiçara foi um marco significativo, elevando o local a freguesia e, eventualmente, a um povoado (IBGE, 2022).

No decorrer do século XIX, em 1850, a já promissora atividade açucareira deu um passo adiante com a construção da primeira usina de açúcar do Nordeste. Essa inovação colocou a região em uma posição de destaque na economia açucareira. No entanto, a decadência dessa cultura foi inevitável, levando à introdução do cultivo de cacau híbrido e à criação de gado leiteiro como novas fontes econômicas para a população local.

Este município, que oficialmente começou sua jornada em 1961, tem suas raízes profundamente fincadas na história colonial do Brasil e no desenvolvimento econômico da região Nordeste. O processo de povoamento do atual território do município remonta ao século XVII, quando portugueses, atraídos pelo potencial econômico da terra, ergueram os primeiros engenhos de cana-de-açúcar. Em 1718, a construção da capela de Nossa Senhora da Ajuda do Bom Jardim transformou a fazenda Catuiçara em uma próspera freguesia e povoado. Esse templo religioso não apenas serviu como local de devoção, mas também como um ponto de convergência social e cultural para os habitantes da região, marcando o início de uma comunidade que cresceria ao longo dos anos (Lima; Xavier, 2016).

No ano de 1850, Teodoro Sampaio consolidou sua importância econômica com a construção da primeira usina de açúcar do Nordeste. Esta usina representava a transformação da produção de cana-de-açúcar de uma atividade artesanal para uma produção em maior escala, impulsionando a economia local e atraindo investimentos e mão de obra para a região. Entretanto, o ciclo da cana-de-açúcar não durou para sempre. Com o tempo, o declínio dessa cultura obrigou os habitantes de Teodoro Sampaio a se adaptarem. A introdução do cacau híbrido e a criação de gado leiteiro marcaram uma nova era econômica para o município. Essas inovações agrícolas não apenas substituíram a economia baseada na cana, mas também diversificaram a produção local, proporcionando uma base mais estável para seu desenvolvimento futuro (Lima; Xavier, 2016).

A busca por diversificação econômica ajudou a pavimentar o caminho para a emancipação política do território, que culminou na criação oficial do município de Teodoro Sampaio em 1961. O nome é uma homenagem ao renomado engenheiro, geógrafo e intelectual Teodoro Sampaio, cuja paixão pela exploração e entendimento da Caatinga deixou um legado de conhecimento valioso sobre a região. Teodoro Sampaio, o homem, simboliza a interseção entre o desenvolvimento intelectual e a evolução territorial, refletindo-se no progresso contínuo do município.

A emancipação de Teodoro Sampaio em 1961 representou o reconhecimento de sua identidade e significância histórica. A emancipação de Teodoro Sampaio em 1961 foi um marco importante na consolidação da identidade local e no reconhecimento de seu valor histórico e cultural. Nomeado em homenagem ao ilustre engenheiro e geógrafo Teodoro Sampaio, o município não apenas celebra o legado do passado, mas também serve como testemunha da resiliência e determinação de seus habitantes. Este espírito de perseverança é visível nas iniciativas econômicas e sociais que têm impulsionado a região ao longo das décadas.

A emancipação de Teodoro Sampaio em 1961, além de consolidar a identidade local e celebrar seu valor histórico e cultural, também estabeleceu as bases para uma análise mais profunda das dinâmicas sociais e econômicas da região. Este reconhecimento formal elevou a relevância do município, não apenas como um local de celebração histórica, mas como uma plataforma vital para examinar os desafios contemporâneos enfrentados por sua população. Entre estes desafios, a economia dos canaviais se destaca, vinculando o passado e o presente através de uma herança cultural complexa. A celebração da resiliência local se entrelaça com a realidade dos trabalhadores dos canaviais, cuja história de resistência é uma extensão do mesmo espírito de determinação que a emancipação de 1961 simboliza. Assim, as questões econômicas e sociais, como as retratadas no projeto "Resiliência e Resistência: A Luta dos Trabalhadores dos Canaviais de Teodoro Sampaio", revelam como o legado de luta pela identidade e reconhecimento histórico continua a influenciar e motivar a busca por justiça e dignidade na comunidade.

Ao longo da história de Teodoro Sampaio, os canaviais sempre ocuparam um espaço central na economia e no imaginário nacional, representando tanto a opulência quanto a desigualdade. No projeto "Resiliência e Resistência: A Luta dos Trabalhadores dos Canaviais de Teodoro Sampaio", o foco recai sobre o cofre de paradoxos que é a relação entre a opulência do setor sucroalcooleiro e as condições de vida precárias dos que nele trabalham. A partir de Teodoro Sampaio, na região de São Francisco do Conde, Bahia, este estudo busca desvendar as camadas dessa complexa dinâmica social e histórica. Em meio a promessas de progresso e

modernização, subsistem práticas que ecoam o passado escravocrata, revelando a resistência resiliente dos trabalhadores. O projeto se aprofunda nas histórias individuais e coletivas dessas pessoas, majoritariamente de ascendência africana, que não somente enfrentam adversidades diárias, mas também se organizam para desafiar e transformar suas realidades. Através de uma lente que enxerga além das dificuldades, são investigadas as formas de luta e organização que emergem dos canaviais, evidenciando a força de vontade e a esperança de um povo que, apesar das adversidades, continua a lutar por dignidade e justiça.

2 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Antes da sua emancipação, Teodoro Sampaio era distrito de Santo Amaro da Purificação e se chamava Freguesia do Bom Jardim, nesse território foi instalado inúmeros engenho de açúcar e um deles foi o Engenho Central do Bom Jardim, localizado na Chã, comunidade reconhecida como remanescente quilombola, conforme (Lima; Xavier, 2016, p. 159) declara:

As terras pertencentes à comunidade da Chã, durante a escravidão, fizeram parte de uma antiga fazenda, Catuiçara, e de um engenho de açúcar, Engenho Central Bom Jardim, propriedades da família Costa Pinto. Afirma-se na sede de Teodoro Sampaio, e os próprios moradores da Chã confirmam ser, predominantemente, descendentes de africanos de origem jeje. Suas marcas fenotípicas demonstram ancestralidade comum através de sinais diacríticos como a cor da pele, textura do cabelo, estrutura corporal, trajetória histórica e modos de vida.

É evidente a predominância de indivíduos negros trabalhando nos canaviais, refletindo uma busca incessante por sustento através do trabalho braçal. Essa realidade está intimamente ligada ao legado da escravidão, marcada pela desigualdade e exploração dessa força de trabalho. Apesar disso, a resistência era evidente, mesmo diante da natureza opressora dessas condições. Nos canaviais, não havia espaço para reflexão, descanso ou reunião; o solo rachado e quente apenas permitia o trabalho contínuo.

O canavial é um espaço vasto que abrange uma variedade de atividades laborais, desde a preparação do terreno até o transporte da planta cortada. Esse ciclo envolve etapas como capina, queima, corte e escoamento, que mobilizam diversas categorias de trabalhadores. Nos séculos passados, o cultivo de cana-de-açúcar foi uma das principais economias da Bahia, com vários municípios do Recôncavo abrigando engenhos. A região é caracterizada pelo solo massapê, fértil e ideal para o cultivo de cana, fumo e outras culturas.

O cultivo da cana-de-açúcar manteve-se como uma das principais atividades econômicas da cidade por muitos anos. Em Teodoro Sampaio, onde as oportunidades de emprego são limitadas, especialmente em determinadas épocas do ano, o corte de cana se tornou o meio de sustento de várias famílias. Esse trabalho tradicionalmente é passado de geração em geração, de pai para filho. Nos campos, os jovens seguem o exemplo dos mais experientes, enfrentando longas jornadas de trabalho que muitas vezes deixam pouco espaço para outras reflexões, resultando em frustração e cansaço ao retornar para casa. Trabalhar no corte de cana não é tarefa para amadores; é uma necessidade para aqueles que tiveram poucas oportunidades de encontrar emprego de menos sofrimento. O cultivo da cana-de-açúcar começa bem antes da colheita, englobando várias etapas: preparação do solo, plantio das sementes, manutenção das plantações, queima, corte e transporte. Esse processo emprega muitos trabalhadores, todos precisando ter robustez física para suportar a intensa carga de trabalho, visando garantir o sustento próprio e de suas famílias (Silva, 2011).

O processo produtivo nos canaviais exige agilidade, desempenho e força física, tudo isso para alcançar as metas de produção. Nesse ambiente, aqueles que trabalham mais ganham mais, esgotando-se fisicamente na esperança de melhorar a vida de suas famílias. Não se pode negar que o campo é, e sempre foi, um ambiente hostil, insalubre e lucrativo. É hostil porque favorece condições que podem levar ao adoecimento dos trabalhadores e rentável porque enriquece os proprietários às custas da miséria da mão de obra contratada. O cultivo da cana-de-açúcar tem suas raízes na escravização dos povos africanos trazidos para o Brasil. Tal como esse processo desumano, o trabalho no canavial é exploratório e não demonstra qualquer inclinação para práticas igualitárias (Silva, 2011).

Cidades vizinhas de grandes produtores de cana, como Terra Nova, São Sebastião do Passe, Amélia Rodrigues e outras, reforçam a ideia da predominância da mão de obra na indústria açucareira da Bahia. Já Teodoro Sampaio deixou de cultivar a cana no início dos anos 1990. Contudo, sendo uma cidade predominantemente latifundiária, sua população sempre dependeu de trabalhos braçais, especialmente nos canaviais. Distritos vizinhos como Jacu, Rio Fundo, Cana Brava, Passagem e Itapetingui continuaram com o cultivo da cana e absorveram a mão de obra de Teodoro Sampaio até o fim dos anos 1990 (Lima; Xavier, 2016). Com a redução da oferta de trabalho no município, muitos trabalhadores migraram para a capital, mesmo com as oportunidades oferecidas pelas cidades vizinhas no ciclo da cana.

Homens, mulheres, animais, carros de boi e ferramentas são todos essenciais no cultivo da cana-de-açúcar. Na preparação do terreno, os homens são contratados para derrubar a mata, preparar o solo e cortar as sementes. As mulheres, por sua vez, eram retiradas de suas casas

para amarrar os feixes de cana e conduzi-los ao plantio. Muitas delas moravam nas casas oferecidas pelas usinas, que controlavam os trabalhadores e seus ganhos. Nestas vilas, geralmente havia mercearias que vendiam produtos a preços elevados, o que resultava em dívidas permanentes para os trabalhadores. É importante destacar o papel dos carros de boi, que eram fundamentais para o transporte da cana cortada no canavial. O terreno da região do recôncavo baiano é composto de massapê, um solo que, quando molhado, dificulta a locomoção de pessoas e até mesmo dos carros de boi. Esses veículos de transporte eram feitos de madeira, puxados por bois e guiados por carreiro e chamadores de boi. Estes últimos, geralmente meninos ou jovens, eram frequentemente maltratados pelo carreiro com o objetivo de torná-los disciplinados e preparados para enfrentar a vida dura (Silva, 2011).

Desde a engenhosidade na construção do carro de boi até os firmes golpes de facão nos pés da cana, as músicas cantadas para aliviar as dores e tensões do trabalho, e as reclamações sobre os ganhos injustos por tantos trabalhos realizados, não é novidade que o trabalho no campo sempre carregou em sua essência a injustiça, a desigualdade, a concentração de renda e a herança da escravização. Nessas atividades econômicas, predomina o trabalho braçal, que começa na preparação do solo e se estende até o beneficiamento de cada produto. Homens, mulheres e até crianças se envolvem nessa lida, sendo que, no corte de cana, os trabalhadores do sexo masculino são maioria. No entanto, os desafios são enfrentados por todos. É quase imaginário pensar na presença desses trabalhadores em instituições públicas de ensino, pois o trabalho exaustivo consome quase todas as suas energias. O cansaço é evidente, mas muitos ainda enfrentam essa maratona com a esperança de melhorar de vida por meio dos estudos (Sampaio; Silva, 2021).

Como mencionado, o trabalho nos canaviais consome quase toda a energia dos trabalhadores. Esta é uma atividade ao ar livre, onde a hidratação é praticamente inexistente devido à falta de armazenamento adequado para conservar água em condições apropriadas para consumo. As refeições são feitas sem qualquer conforto, o que pode levar a diversas doenças. Essas são algumas das condições presentes nos canaviais. Há muitas causas que provocam reações dos trabalhadores. Entre tantas, destaca-se o valor pago pela tonelada de cana cortada, que gerava dúvidas já que os cortadores não tinham acesso à forma de pesagem. O transporte era outro motivo de reclamação, pois os trabalhadores eram levados no mesmo veículo que carregava a cana para a usina. Nesse cenário, acidentes eram frequentes, causados por golpes de facão, cortes por sobras de cana, ataques de abelhas e queimaduras provocadas pelo fogo de restos de madeira dentro do canavial (Sampaio; Silva, 2021).

Diante de tantos desafios e sem expectativas de melhoria por parte dos administradores para tornar o ambiente de trabalho menos nocivo, os trabalhadores expressavam-se através de canções, diálogos e recusas, manifestando suas insatisfações com as condições de trabalho. Quem pensa que protestos e ideias só surgiam no canavial se engana; o transporte dos trabalhadores era um grande momento de ajuntamento, diálogo e protesto. No trajeto de casa para o trabalho, havia uma grande expectativa sobre a condição da cana: vertical, posição vantajosa para o corte, mas com preço mais baixo, ou deitada, mais cara, mas difícil de cortar. Também se discutia quantas braças precisavam ser cortadas para atingir uma tonelada.

No trajeto de volta, as reclamações eram ouvidas por todos os lados. Falava-se do empreiteiro e suas artimanhas para tirar vantagem na medição da cana cortada, do desempenho diante de uma boa safra ou da frustração quando a produção ficava abaixo do esperado devido à cana deitada ou enrolada. Apesar das adversidades, cansaço, frustrações e dores, a volta para casa era marcada por gargalhadas, cantos, batuques, sambas e poesias. Esse momento de descontração era quase uma extensão dos canaviais, já que durante a produção, ideias se ecoavam através de cantos harmonizados pelo som dos golpes de facão.

A análise das condições de trabalho nos canaviais de Teodoro Sampaio e regiões adjacentes revela um retrato da persistente realidade social e econômica que moldou a vida de muitos trabalhadores ao longo dos anos. O legado da escravidão, refletido na labuta árdua e nas adversas condições enfrentadas por aqueles que cultuam e colhem a cana-de-açúcar, evidencia um ciclo de exploração laboral que persiste mesmo após o fim formal da escravidão. As histórias dos homens e mulheres que trabalham no campo são entrelaçadas com os desafios de um ambiente insalubre e marcado pela desigualdade, além do desamparo social, econômico e educacional. Ao mesmo tempo, é notável a resistência que emerge desses contextos, expressa em formas culturais como músicas e diálogos que servem tanto como alívio quanto como protesto. As atividades nos canaviais não são apenas um meio de sobrevivência, mas também um testemunho silencioso da resiliência e da capacidade de adaptação de comunidades que, diante de adversidades, encontraram maneiras de reexistir e manter suas tradições culturais. É um lembrete vívido de que, embora a exploração ainda seja parte da experiência cotidiana de muitos, também há espaço para a esperança de um futuro mais igualitário e justo, manifestando-se na busca por melhores condições de vida e oportunidades de educação.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa para o projeto "Resiliência e Resistência: A Luta dos Trabalhadores dos Canaviais de Teodoro Sampaio" centra-se nas condições de trabalho e nas dinâmicas sociais e econômicas que afetam os trabalhadores dos canaviais nesse município. Apesar de avanços tecnológicos na indústria sucroalcooleira, a persistência de métodos rudimentares de trabalho expõe os trabalhadores a uma realidade que remonta à exploração colonial e escravagista. O problema de pesquisa questiona como essas condições laborais, ainda marcadas pela desigualdade e pela exploração, refletem e perpetuam um ciclo histórico de vulnerabilidade socioeconômica e de insuficientes oportunidades educacionais e de melhoria de vida.

A cana movimentou a economia da cidade, isso não podemos negar, mas as condições que os trabalhadores eram expostos isso sim devemos relatar, pois não é pelo fato que o trabalho era pesado que não havia formas de adequá-los e minimizar seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores, todos trabalho é digno, desde quando cumpra o papel de assegurar os direitos principalmente daquele que depende desse para a sua subsistência.

Com o seu passado de exploração marcado pela escravidão de indígenas e negros, o trabalho de plantar e cortar cana, atualmente, é composto por indivíduos de ambos os gêneros e mão de obra assalariada. Mesmo com tantos avanços tecnológicos no setor sucroalcooleiro, a mão de obra ainda utiliza técnicas rudimentares, sendo a sua força e habilidade essenciais neste trabalho, principalmente nos lugares em que a máquina não entra devido à declividade ou o solo é duro (Sampaio; Silva, 2021, p. 5).

Com o tempo, notou-se mudanças no panorama do ambiente canavieiro, associações sindicais foram fortalecidas pelo eco dos trabalhadores, a condução dos trabalhadores já passara a ser feita por veículos apropriados, grande parte dos trabalhadores agora eram empregados celetistas, amparados pela CLT, as condições de hidratação, alimentação, e segurança também tiveram suas melhorias, mas ainda o canavial continua absorvendo parte da mão-de-obra daqueles que tiveram negados os direitos de frequentar a escola e de ter a oportunidade de traçar seu destino, e fazer da sua própria consciência mecanismo de decisão.

As fazendas de cana-de-açúcar frequentemente ofereciam moradias para abrigar trabalhadores vindos de outras regiões. Essas moradias funcionavam como armadilhas: além de trabalharem nos canaviais, os moradores eram obrigados a cultivar roças, cuidar dos animais da fazenda e comprar mercadorias dos armazéns pertencentes ao patrão. Nas vilas, os comércios ofereciam crédito aos moradores por meio de vales, permitindo-lhes adquirir alimentos sem sair

dali. No entanto, ao acertar as contas, descobriam que estavam sempre em desvantagem, pois o proprietário do estabelecimento frequentemente fraudava os valores e a quantidade das mercadorias adquiridas. Assim, livrar-se das garras dos feitores, administradores e comerciantes, que pareciam conspirar para enganar e explorar os trabalhadores, tornava-se uma tarefa árdua (Sampaio, 2021).

Nas vilas, as moradoras, esposas dos trabalhadores dos canaviais, enfrentavam pressão para trabalharem no campo. Durante o plantio da cana-de-açúcar, as mulheres desempenharam um papel essencial no desenvolvimento das plantações e no enriquecimento dos proprietários. Eram elas que cuidavam de reunir e amarrar os "olhos" da cana, as sementes. Ao se recusarem a cumprir essas tarefas, corriam o risco de perder suas moradias. Os feitores não consideravam a presença de filhos pequenos ou se as mulheres estavam aptas para suportar um ambiente tão degradante. Sem dúvida, além de serem forçadas a trabalhar nos canaviais, essas mulheres ainda tinham de cuidar de suas famílias. É importante lembrar que o cultivo da cana-de-açúcar tem suas raízes profundamente entrelaçadas com a história da escravidão (Sampaio, 2021).

Os trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio são compostos por diversos grupos, incluindo uma parcela significativa de mulheres. Embora a cidade tenha deixado de plantar cana e os engenhos tenham sido abandonados, muitos desses trabalhadores ficaram sem perspectivas. As exigências do trabalho nos canaviais dificultaram o acesso a oportunidades educacionais, criando uma batalha constante. Sem muitas alternativas, eles foram obrigados a vender sua força de trabalho a baixo custo em outros municípios. Nos anos noventa, em especial entre 1995 e 1996, era comum ver mulheres ao lado dos homens no corte da cana. Em tempos anteriores, tal visão seria impensável, o que reflete uma evolução na autonomia feminina (Lima; Xavier, 2016). Esse comportamento demonstra tanto um avanço rumo à independência quanto um esforço pela manutenção da família.

Embora frequentemente menos explorados, os trabalhadores envolvidos no escoamento da cana cortada deixaram importantes legados nos canaviais. Em um cenário de topografia desafiadora, onde o transporte era realizado com o uso de burros e carros de boi, a retirada da cana exigia grande esforço. Vale lembrar que o solo de massapê, argiloso por natureza, se tornava intransitável quando molhado. Nesse contexto, tanto os animais quanto os homens enfrentavam um trabalho árduo. Carreiros, chamadores de boi e condutores de burros de carga compartilhavam a experiência comum de enfrentar dificuldades para garantir o sustento próprio e de suas famílias.

O corte da cana era o momento mais esperado pelos trabalhadores. De longe, podia-se ver o clarão do fogo nos canaviais, queimados à noite para a preparação do corte no dia seguinte.

Os cortadores eram avisados e, na condução para o trabalho, discutiam sobre o estado e o peso da cana. A expectativa era cortar o máximo possível para garantir melhores pagamentos, objetivo comum a todos. Observando esses fatos, percebe-se que o trabalho nos canaviais de Teodoro Sampaio e cidades vizinhas replicava processos semelhantes aos da escravidão, caracterizado por desigualdade, insegurança, negligência quanto ao bem-estar humano e enriquecimento dos usineiros. No entanto, os trabalhadores dos canaviais nunca deixaram de lutar por direitos, valores e respeito.

O presente projeto de pesquisa sobre a situação dos trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio revela uma história de resiliência e resistência em meio a condições laborais adversas. Desde tempos coloniais, o trabalho no cultivo da cana-de-açúcar está intimamente ligado à exploração e desigualdade. Apesar dos avanços tecnológicos na indústria sucroalcooleira, as práticas de trabalho permanecem enraizadas em métodos obsoletos que continuam a prejudicar a saúde e a segurança dos trabalhadores. As condições de trabalho ainda refletem um ciclo histórico de vulnerabilidade econômica e falta de oportunidades educativas, perpetuando a marginalização da força de trabalho local.

O estudo destaca a importância das melhorias conquistadas por meio da luta dos trabalhadores, como o fortalecimento das associações sindicais e a adoção de melhores condições de transporte, segurança, hidratação e alimentação. Contudo, esses avanços não são suficientes para quebrar o ciclo de exploração e aumentar significativamente as oportunidades de ascensão social. As restrições educacionais enfrentadas pelos trabalhadores e suas famílias limitam suas perspectivas de futuro, forçando muitos a continuarem nessa realidade laboral precária. Além disso, a pesquisa chama atenção para as mulheres dos canaviais, que enfrentam duplas jornadas de trabalho e a pressão para contribuir para o enriquecimento dos proprietários ao mesmo tempo em que cuidam de suas famílias. Essa dinâmica complexa evidencia a interseccionalidade³ de gênero, classe e raça presentes na luta desses trabalhadores.

O problema está enraizado na análise de como o legado da escravidão ainda influencia as práticas laborais nos canaviais, onde há uma predominância de trabalhadores de ascendência africana, incluindo mulheres que desempenham papéis cruciais na cadeia produtiva, mas que

³ A interseccionalidade é um conceito teórico-crítico que busca compreender como diferentes formas de opressão, discriminação e desigualdade se sobrepõem e interagem nas vidas de indivíduos e grupos. Originado dos estudos de gênero e raça, esse conceito é fundamental para analisar as experiências específicas de pessoas que enfrentam múltiplas camadas de marginalização simultaneamente. O termo foi introduzido por Kimberlé Crenshaw na década de 1980. Ela destacou como as experiências de mulheres negras eram frequentemente negligenciadas nos movimentos feministas, que muitas vezes priorizavam as experiências de mulheres brancas, e nos movimentos antirracistas, que frequentemente destacavam as experiências de homens negros. Dessa forma, a interseccionalidade desafia a visão de que as experiências de opressão ocorrem de forma isolada e homogênea (Crenshaw, 2002).

enfrentam duplas jornadas e desafios adicionais por conta de seu gênero. Examina-se a eficácia das associações sindicais na melhoria das condições laborais, frente a sistemas que, apesar de algumas modernizações, continuam sendo prejudiciais ao bem-estar dos trabalhadores. Outro aspecto que o problema de pesquisa confronta é a estratégia econômica das usinas que, historicamente, mantiveram trabalhadores em um ciclo de endividamento e dependência, atrelados a práticas como o uso de "vales" em armazéns controlados pelos empregadores. Além disso, é investigado como o êxodo rural, impulsionado pela falta de oportunidades locais, afetou as estruturas comunitárias e a transmissão cultural nas comunidades quilombolas e de trabalhadores rurais.

O projeto busca ainda identificar e discutir as formas de resistência e resiliência desenvolvidas por esses trabalhadores, desde a mobilização sindical e atividades culturais de resistência até mudanças na organização política local que visem a justiça social. A pesquisa também explora o impacto de tais movimentos sobre as transformações no reconhecimento dos direitos trabalhistas e na dignidade dos trabalhadores. Portanto, o problema de pesquisa aborda as condições iníquas em que os trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio vivem e o papel da resistência coletiva na busca por melhorias, tudo isso imerso em um contexto histórico de desigualdade social e econômica.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

Investigar e compreender as condições de trabalho e as dinâmicas sociais e econômicas dos trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio, destacando tanto as adversidades enfrentadas quanto as formas de resistência e mobilização para a melhoria dessas condições.

4.2 ESPECÍFICOS

- Analisar a história e a influência do cultivo da cana-de-açúcar na economia de Teodoro Sampaio e seu impacto nas condições de vida dos trabalhadores.
- Examinar as práticas laborais nos canaviais, buscando identificar elementos que ainda refletem desigualdades históricas ligadas ao passado de exploração colonial e escravocrata.

- Investigar a composição demográfica dos trabalhadores, com foco nas interseccionalidades de raça, gênero e classe, e seu papel nas atividades laborais dos canaviais.
- Avaliar a eficácia e as limitações das associações sindicais e outros movimentos de resistência na busca por melhores condições de trabalho e direitos trabalhistas.
- Estudar a influência das dinâmicas econômicas, políticas e sociais que perpetuam a vulnerabilidade socioeconômica e as restrições educativas dos trabalhadores e suas famílias.
- Documentar e compreender as práticas culturais e de resistência desenvolvidas pelos trabalhadores como formas de contestação e sobrevivência diante das adversidades.

5 JUSTIFICATIVA

A justificativa para o projeto de pesquisa "Resiliência e Resistência: A Luta dos Trabalhadores dos Canaviais de Teodoro Sampaio" surge da profunda conexão pessoal e histórica que o autor, Antônio Balbino Suêlo, tem com o tema. Oriundo de uma família cuja trajetória se entrelaça intimamente com os canaviais de Teodoro Sampaio, Antônio, juntamente com seus pais, avós e irmãos, vivenciou diretamente as condições de trabalho e a dinâmica socioeconômica dessa realidade. A experiência pessoal da família Suêlo nos canaviais não só oferece uma perspectiva autêntica e enraizada sobre a temática, mas também reforça a legitimação do estudo, pois quem melhor para investigar e narrar essa história do que alguém que a viveu?

Essa ligação pessoal fornece ao projeto uma dimensão particular de urgência e relevância. A percepção das dificuldades enfrentadas em um trabalho tão duro, transmitido de geração em geração dentro da família, transforma-se em combustível para investigar e documentar a realidade dos canaviais de Teodoro Sampaio. Essas experiências vividas estão profundamente imbricadas na identidade dos trabalhadores rurais da região, onde histórias de resiliência e resistência se enlaçam com a esperança de um futuro mais justo. É essa perspectiva rica e multifacetada que o projeto pretende destacar, amplificando as vozes daqueles que, por tanto tempo, permaneceram à margem.

Justifica-se também pela necessidade de compreender e expor a continuidade das práticas laborais exploratórias que têm raízes históricas profundas, a fim de contribuir para a transformação social. A pesquisa visa trazer um olhar analítico sobre as formas de resistência e organização dos trabalhadores que foram e são essenciais para provocar mudanças nas condições de trabalho. A ligação estreita do autor com a realidade dos canaviais oferece uma

contribuição valiosa não apenas para a literatura acadêmica, mas também para a elaboração de estratégias políticas e sociais que almejem uma melhoria concreta nas condições de vida dos trabalhadores rurais.

Por fim, o projeto se justifica na busca por reconhecimento e na valorização das histórias de luta dos trabalhadores dos canaviais, de modo a inspirar futuros estudos e políticas públicas que promovam a justiça social e a dignidade dos trabalhadores em semelhantes contextos de adversidade. A pesquisa de Antônio Balbino Suêlo, portanto, compromete-se em ser não apenas um relato acadêmico, mas uma alavanca de mudança e resistência, honrando o legado de sua família e comunidade.

6 HIPÓTESES

Para o projeto de pesquisa "Resiliência e Resistência: A Luta dos Trabalhadores dos Canaviais de Teodoro Sampaio", algumas hipóteses podem ser formuladas para guiar a investigação:

Hipótese da Continuidade Histórica: A exploração das condições de trabalho nos canaviais de Teodoro Sampaio remonta a práticas de exploração colonial e escravagista, que continuam a influenciar as atuais formas de trabalho e desigualdade, perpetuando um ciclo de vulnerabilidade socioeconômica.

Hipótese da Resiliência Coletiva: Apesar das condições adversas e das limitações econômicas enfrentadas, a resistência e a organização coletiva dos trabalhadores resultam em melhorias nas condições laborais, evidenciando a força das mobilizações sindicais e das expressões culturais.

Hipótese da Interseccionalidade da Discriminação: Os trabalhadores dos canaviais, principalmente mulheres afrodescendentes, experimentam múltiplas camadas de discriminação baseadas em raça, gênero e classe social, intensificando as desigualdades e limitando as oportunidades de ascensão social e econômica.

Hipótese da Transformação Social e Cultural: Através de ações sindicais e manifestações culturais, os trabalhadores dos canaviais conseguem influenciar mudanças nas políticas trabalhistas locais e melhorar o reconhecimento de seus direitos e da sua dignidade social, impulsionando transformações na comunidade.

Hipótese do Impacto Econômico Local: A economia dos canaviais tem papel crucial na sustentação econômica de Teodoro Sampaio, influenciando as condições sociais e educacionais

dos trabalhadores, que muitas vezes estão presos em um ciclo de endividamento e dependência econômica devido ao controle dos recursos locais pelos empregadores.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender plenamente a presente pesquisa sobre a luta dos trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio, é crucial analisar o contexto teórico que embasa o estudo, considerando a complexa rede histórica, socioeconômica e cultural que caracteriza os canaviais e a mão de obra nele empregada. O estudo da luta dos trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio exige uma imersão profunda em diversos contextos que moldam essa realidade. Historicamente, a produção de cana-de-açúcar no Brasil está entrelaçada com um passado colonial e escravocrata, que estabeleceu padrões de exploração da mão de obra. Mesmo após a abolição da escravidão, o trabalho nos canaviais continuou a refletir dinâmicas de opressão e desigualdade, agora sob novas formas de contrato e trabalho assalariado.

O texto levanta questões importantes sobre a realidade socioeconômica dos canaviais de Teodoro Sampaio, espelhando a situação de muitos setores agrícolas no Brasil. De um ponto de vista teórico, podemos analisar essa situação através de diferentes prismas, incluindo a teoria marxista. Do ponto de vista marxista, a estrutura socioeconômica descrita no texto é um exemplo claro de relações de produção capitalistas em que a concentração de terras e o poder econômico estão nas mãos de poucos (Fernandes, 1973). Essa concentração acentua as desigualdades de classe, já que os grandes proprietários detêm os meios de produção, enquanto os trabalhadores possuem apenas sua força de trabalho para vender. A exploração dos trabalhadores, refletida nas condições de trabalho precárias e nos baixos salários, é uma consequência direta desse arranjo econômico. O marxismo destacaria a necessidade de uma organização coletiva dos trabalhadores para desafiar e eventualmente transformar essa estrutura injusta.

Socioeconomicamente, os canaviais de Teodoro Sampaio são um microcosmo das estruturas presentes em muitos setores agrícolas no Brasil. As condições de trabalho são frequentemente precárias, com baixos salários e poucas garantias de direitos trabalhistas (Sydow, 2008). A concentração de terras e o poder econômico dos grandes proprietários acentuam as disparidades, tornando a luta por melhores condições complexa e desafiadora. Culturalmente, os trabalhadores canavieiros trazem consigo uma rica herança de resistência e solidariedade, muitas vezes expressa por meio de manifestações culturais e sindicais. A

organização coletiva e as tradições de luta desempenham um papel crucial na resistência às estruturas opressivas.

Neste cenário, compreender a luta dos trabalhadores requer um olhar atento às intersecções entre essas dimensões. É necessário considerar como o legado histórico afeta o contexto atual, como as políticas econômicas influenciam a vida destes trabalhadores e como a cultura local permanece uma fonte de resistência e identidade para estas comunidades. Assim, o estudo não apenas se debruça sobre as condições imediatas dos trabalhadores, mas também sobre as forças mais amplas que moldam suas vidas e lutas.

O conceito de resiliência, no contexto social, refere-se à capacidade de comunidades ou indivíduos de superar adversidades e adaptar-se às mudanças, mantendo-se firmes em face dos desafios. A resiliência na sociologia foca na forma como indivíduos e comunidades enfrentam desafios e transformações. Quando ocorre uma adversidade, como uma crise econômica ou um desastre natural, é crucial que as comunidades sejam capazes de se ajustar e seguir adiante. Isso pode envolver o fortalecimento de redes de apoio social, o desenvolvimento de novas habilidades ou a adaptação de práticas culturais. Por exemplo, em comunidades afetadas por desastres naturais, a resiliência pode ser vista na capacidade dos membros de reconstruir suas casas e restabelecer conexões comunitárias. Em contextos urbanos, a resiliência pode estar relacionada à maneira como as cidades se planejam para lidar com migrações ou mudanças climáticas, garantindo que as infraestruturas críticas continuem a funcionar mesmo em tempos de crise. Além disso, a resiliência não é apenas a capacidade de "voltar ao normal", mas sim de evoluir para um estado de funcionamento que talvez seja diferente, mas ainda eficaz (Rutter, 1995). Isso engendra aprendizado e adaptação contínuos, elementos cruciais para a sobrevivência e prosperidade a longo prazo. Em última análise, o conceito sociológico de resiliência nos obriga a considerar como mudanças em políticas, cultura e comportamento individual podem contribuir para sociedades mais robustas e adaptáveis.

Neste estudo, a resiliência dos trabalhadores dos canaviais é expressa através de sua perseverança diante das condições adversas de trabalho, marcadas por práticas laborais remanescentes da era colonial. A resistência, por sua vez, abrange não só uma oposição às condições opressivas, mas também a ação coletiva e as estratégias de mobilização, como a associação sindical, para reivindicar direitos e melhorias.

Historicamente, o cultivo da cana-de-açúcar no Brasil foi central no sistema econômico colonial, sustentado pela exploração intensa de mão de obra escravizada. Essa história de exploração laboral, destacada na pesquisa, é crucial para entender as bases das práticas e das relações de trabalho atuais nos canaviais. A transição de uma economia escravocrata para a de

trabalho assalariado não eliminou as disparidades, mas perpetuou um sistema de marginalização e pobreza que continua a afetar os descendentes dos antigos escravizados. Portanto, a investigação coloca luz sobre como a história colonial continua a influenciar as condições socioeconômicas dos trabalhadores rurais contemporâneos. Além disso, a interseccionalidade entre raça, gênero e classe é um pilar central da análise teórica deste estudo. A predominância de trabalhadores afrodescendentes nos canaviais reflete a continuidade das injustiças históricas raciais. Teoricamente, a interseccionalidade é um conceito central para entender como as camadas de opressão se sobrepõem e se reforçam no contexto dos canaviais. A raça, o gênero e a classe se entrelaçam de maneira a intensificar as desigualdades (Crenshaw, 2002). Os trabalhadores afrodescendentes, em sua maioria, continuam a ocupar as posições mais precárias e mal remuneradas no setor agrícola, refletindo a continuidade de uma hegemonia racial que privilegia determinados grupos em detrimento de outros. As mulheres, por sua vez, enfrentam dupla discriminação, sendo frequentemente excluídas de direitos básicos e oportunidades de ascensão social e econômica.

De um ponto de vista teórico, a persistência das condições desiguais nos canaviais brasileiros pode ser analisada sob diversas lentes. A teoria da dependência, por exemplo, oferece um entendimento sobre como os países que foram colonizados continuam presos em relações desiguais de poder, onde as economias ex-coloniais permanecem subordinadas a interesses externos. No entanto, uma perspectiva crítica contemporânea exigiria também a análise através do prisma racial e de gênero, destacando como os conceitos de colonialidade do poder e interseccionalidade elucidam as persistentes hierarquias sociais (Crenshaw, 2002). Além disso, a economia política crítica pode proporcionar insights sobre como as estruturas econômicas globalizadas, que evocaram novas formas de exploração laboral, vinculam-se aos legados coloniais, tornando o agricultor contemporâneo uma reprodução do trabalhador subjugado, mas agora dentro das dinâmicas de um capitalismo que se reorganiza sob políticas neoliberais.

O racismo estrutural, o patriarcado e a hierarquia de classe entrelaçam-se, exacerbando as barreiras para aqueles que já estão em desvantagem estrutural (Davis, 2016). Assim, as oportunidades e avaliações de mérito podem ser injustamente atribuídas, perpetuando uma falsa narrativa de que apenas o esforço individual é suficiente para o sucesso. As mulheres, em particular, enfrentam complexidades adicionais, decorrentes de seu papel tradicional de cuidadoras e trabalhadoras, resultando em uma dupla carga de trabalho e menos oportunidades para ascensão social e educacional. Essa perspectiva interseccional é vital para desvelar as

camadas de opressão e luta que essas populações enfrentam, possibilitando uma compreensão mais rica e precisa dos desafios e das lutas por justiça social.

As teorias de movimento social ajudam a compreender como os trabalhadores dos canaviais se organizam coletivamente para desafiar e transformar suas condições de trabalho. No contexto dessas teorias, a categoria trabalho é frequentemente investigada devido à sua centralidade nas relações sociais e econômicas. Autores importantes que exploram a interseção entre movimentos sociais e a categoria trabalho incluem Karl Marx (1980), que analisou como a luta de classes e o papel do proletariado impulsionam a mudança social. Pierre Bourdieu (2003) também contribuiu com a noção de capital cultural e social, mostrando como trabalhadores organizam-se para combater a desigualdade estrutural. Outro autor relevante é E. P. Thompson (1987), conhecido por seus estudos sobre a classe trabalhadora na Inglaterra e como esta se desenvolveu não apenas pela posição econômica, mas também por uma consciência e identidade comuns.

A formação de sindicatos e as ações de resistência cultural, como músicas e diálogos críticos, são exemplos de como a resistência se articula e se manifesta, buscando não apenas mudanças imediatas, mas também uma transformação estrutural e duradoura. Em síntese, este referencial teórico revela que a luta dos trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio é moldada pelo legado histórico da escravidão, pelas interseccionalidades de opressão, e por estratégias coletivas de resistência e resiliência. Essa base teórica é essencial para compreender a complexidade e a profundidade dos desafios socioeconômicos atuais, proporcionando uma moldura crítica através da qual se pode visualizar e criticar as dinâmicas sociais e econômicas em jogo.

8 METODOLOGIA DO PROJETO

Para abordar o tema "Resiliência e Resistência: A Luta dos Trabalhadores dos Canaviais de Teodoro Sampaio", a metodologia adotada será de natureza qualitativa, com a finalidade de compreender em profundidade as experiências vividas pelos trabalhadores dos canaviais. O foco será colocado na coleta de dados primários e secundários, utilizando-se de uma abordagem interdisciplinar que contempla as dimensões socioeconômicas, históricas e culturais. Para isso, será realizada uma combinação de técnicas de pesquisa, incluindo entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores para captar suas narrativas pessoais e suas perspectivas sobre as condições de trabalho, desafios enfrentados e estratégias de resistência. Estas entrevistas fornecerão dados

ricos e detalhados que revelarão os aspectos mais sutis de suas lutas diárias. Além das entrevistas, a observação participante será uma ferramenta valiosa para captar a dinâmica do cotidiano nos canaviais, permitindo uma imersão nas práticas culturais e sociais que moldam a vida dos trabalhadores. Essa abordagem ajudará a identificar os sistemas de apoio e as formas de solidariedade que emergem dentro das comunidades, bem como a relação delas com as estruturas socioeconômicas mais amplas.

Fontes secundárias, como documentos históricos, relatórios governamentais e estudos acadêmicos prévios, serão consultadas para contextualizar as experiências individuais dentro de uma perspectiva histórica e socioeconômica mais ampla. Essa análise histórica permitirá entender como os processos de colonização, industrialização e políticas agrárias influenciaram as condições atuais de trabalho e resistência.

Por meio de uma abordagem interdisciplinar, que reúne elementos da sociologia rural, história, economia e antropologia, será possível mapear não apenas as condições objetivas de trabalho, mas também as formas simbólicas e culturais de resistência que têm sido fundamentais para a sobrevivência e autonomia desses trabalhadores. Isso gerará uma compreensão holística dos contínuos desafios e das diversas formas de resiliência dos trabalhadores dos canaviais de Teodoro Sampaio.

Pesquisa Bibliográfica:

A investigação terá início com uma revisão de literatura detalhada sobre o histórico do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil, enfocando especialmente a região de Teodoro Sampaio. Esta etapa busca fundamentar teoricamente o estudo, ancorando-se em textos que tratam das questões de trabalho e exploração histórica nos canaviais, das dinâmicas do racismo estrutural e das interseccionalidades de raça, gênero e classe.

Trabalho de Campo:

A. Entrevistas Semiestruturadas: Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com trabalhadores atuais e ex-trabalhadores dos canaviais, bem como com seus familiares. A escolha por esse tipo de entrevista possibilita capturar narrativas detalhadas sobre as condições de trabalho, estratégias de resistência e percepções pessoais sobre o legado histórico dos canaviais.

Observação Participante: O pesquisador participará de encontros em comunidades locais, como reuniões de associações sindicais e eventos culturais, para vivenciar as práticas de resistência em primeira mão. Essa técnica ajudará a observar práticas culturais e de organização que são fundamentais para a resistência e resiliência.

Grupos Focais:

Grupos focais serão organizados com trabalhadores dos canaviais, com o objetivo de fomentar discussões sobre temas como direitos trabalhistas e iniciativas de resistência. Essa técnica permitirá que diferentes perspectivas e ideias emergem, enriquecendo a análise.

Análise Documental:

Haverá um exame de documentos oficiais e não oficiais, como registros sindicais, relatórios governamentais e arquivos pessoais. Essa análise auxiliará na compreensão das políticas e práticas econômicas que historicamente moldaram as condições laborais nos canaviais.

Análise de Dados Qualitativos:

Os dados coletados nas entrevistas, observações e grupos focais serão analisados por meio de uma abordagem de análise de conteúdo. Serão identificados temas recorrentes e nuances nas narrativas dos trabalhadores, destacando as práticas de resistência e as condições de trabalho.

Discussão e Avaliação dos Resultados:

Os resultados serão discutidos à luz do referencial teórico adotado, buscando relacionar as descobertas com o contexto histórico e socioeconômico mais amplo. A pesquisa visa elaborar um retrato detalhado das adversidades e formas de resistência vivenciadas pelos trabalhadores, oferecendo insights para políticas públicas e estratégias de empoderamento.

Considerações Éticas: Todas as etapas da pesquisa respeitarão as normas éticas de pesquisa, garantindo anonimato e consentimento informado para todos os participantes. As vozes dos trabalhadores serão respeitadas e destacadas, assegurando que suas histórias sejam contadas com dignidade e autenticidade.

Ao empregar essa metodologia, o projeto busca não apenas uma compreensão aprofundada das experiências dos trabalhadores dos canaviais, mas também contribuir para a construção de um futuro mais justo e equitativo para essas comunidades.

9 CRONOGRAMA

O cronograma abaixo descreve o planejamento do projeto de pesquisa, estruturado em fases, com destaque para os marcos significativos do estudo.

1. Revisão de Literatura e Planejamento (Janeiro - Março de 2025)

- Janeiro:

- Levantamento bibliográfico sobre a história do cultivo da cana no Brasil, focando na Bahia.

- Estudo de teorias relacionadas ao racismo estrutural e interseccionalidade.

- Fevereiro:

- Revisão de estudos e artigos sobre resistência e mobilização de trabalhadores rurais.

- Planejamento das abordagens metodológicas para coleta de dados.

- Março:

- Desenvolvimento do protocolo de entrevistas e observação.

- Definição dos critérios para escolha dos entrevistados.

2. Coleta de Dados Primários (Abril - Junho de 2025)

- Abril:

- Início das entrevistas semiestruturadas com trabalhadores dos canaviais.

- Participação em reuniões sindicais e eventos comunitários para observação participante.

- Maio:

- Continuação das entrevistas e organização de grupos focais.

- Posicionamento ético e sensibilização dos participantes sobre o propósito da pesquisa.

- Junho:

- Conclusão da coleta de dados primários.

- Compilação inicial dos dados coletados para análise preliminar.

3. Análise de Dados (Julho - Setembro de 2025)

- Julho:

- Início da análise de conteúdo das entrevistas e grupos focais.

- Organização e categorização dos registros de observação.

- Agosto:

- Avaliação documental dos arquivos históricos e organização das informações coletadas.

- Análise comparativa com os dados em fontes secundárias.

- Setembro:

- Finalização da análise de dados.

- Identificação de padrões e temas recorrentes no material coletado.

4. Redação e Discussão dos Resultados (Outubro - Dezembro de 2025)

- Outubro:

- Esboço inicial dos capítulos do relatório da pesquisa.

- Discussão preliminar dos achados em relação ao referencial teórico.
- Novembro:
- Revisão e refinamento dos capítulos do relatório.
- Discussão das implicações dos resultados para políticas públicas.
- Dezembro:
- Conclusão da redação e revisão final do relatório.
- Preparação para apresentação e defesa do projeto.

5. Divulgação e Apresentação (Janeiro de 2026)

- Janeiro:
- Apresentação dos resultados em conferências e seminários locais.
- Discussão das descobertas com especialistas no campo.
- Elaboração de artigos para publicação em revistas acadêmicas.

Este cronograma busca estruturar a pesquisa de forma eficiente, garantindo uma análise robusta e comunicação efetiva dos resultados da pesquisa sobre a resiliência e resistência dos trabalhadores dos canais de Teodoro Sampaio. A execução fiel de cada etapa garantirá que o projeto contribua substantivamente para o entendimento e a melhoria das condições de vida desses grupos.

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 2002.

BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*. [S. l.]: Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: 15 dez. 2009.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2022.
Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

LIMA, Ari; XAVIER, Carla do Espírito Santo. *Lá vêm os negos da chã: memória, identidade e território de uma comunidade negra rural*. Dissertação Mestrado Crítica Cultural Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Boitató, Londrina, 2016.

MARX, Karl. A burguesia e a contra-revolução. São Paulo: Ensaio, 1987. In: MARX, Karl. *A questão judaica*. São Paulo: Edições Moraes, 1980.

RUTTER, M. Resilience: some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health*, New York, 14, 626-631, 1995.

SAMPAIO, Ariana Castilhos Dos Santos Toss; SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Esse eito é meu: o trabalho no espaço do canavial. *Geofronter*, Campo Grande, v. 7, p. 05, jul-set 2021.

SILVA, M. S. *Cotidiano e experiência no trabalho rural da cana-de-açúcar em Lagoa da Prata, Minas Gerais: as trajetórias de vida de Dona Alzira e Dimas*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SYDOW, E. et al. (2008). *Direitos humanos e a indústria da cana*. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2008.

THOMPSON, Edward. P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
